

Correção do teste formativo

(primeira ficha de avaliação do 10ºA no ano letivo de 2013/2014)

Grupo I

1D 2C 3A 4B 5C

Grupo II

1 – a), b), f), g)

2 – Um argumento é um conjunto de proposições em que pelo menos uma delas é uma premissa e outra a conclusão. Para que haja um argumento, tem de haver uma relação de implicação entre premissas e conclusão. As proposições são frases declarativas, com valor de verdade e sentido. Quando relacionadas, da forma referida, constituem argumentos. Chamarem-se premissas ou conclusão, dependerá apenas da função que têm dentro do argumento.

3.

a) «Não és a minha mãe biológica»

b) «Os peixes não respiram».

4.

a) Trata-se de um argumento válido. A conclusão decorre necessariamente das premissas. Se aceitarmos que as premissas são verdadeiras (presumivelmente), a conclusão sê-lo-á também. Se «os dados dos sentidos nos enganam» e se «a experiência sensível assenta nos dados dos sentidos», só podemos concluir que «a experiência sensível é enganadora». Seria uma contradição lógica assumir as premissas e rejeitar a conclusão.

b) Trata-se de um argumento inválido ou não válido, pois não podemos legitimamente extrair aquela conclusão das premissas apresentadas. O facto de «todos os primatas serem mamíferos» e «todos os gorilas serem mamíferos», não nos permite concluir que todos os gorilas são primatas. Era preciso que todos os mamíferos fossem gorilas. Portanto, a conclusão não se segue necessariamente das premissas.

5.

a) As leis justas elevam e respeitam a dignidade humana
As leis segregacionistas não respeitam a dignidade humana (P.O)
Logo, As leis segregacionistas não são justas.

b) Toda a crença ilusória deriva dos desejos humanos
A crença religiosa deriva dos desejos humanos (P.O)
Logo, a crença religiosa é uma ilusão.

6 – problemas/ questões/ responder/ ciência/ filosóficas/ abrangentes/ natureza/ geral/ questionar/ racional.

Grupo III

1. Uma ação é um tipo especial de acontecimento, é um ato voluntário, intencional e consciente. É algo que fazemos querendo fazê-lo, resulta da iniciativa do agente, daí se dizer na afirmação que «fazer voluntariamente determinada coisa significa que sem a minha autorização, essa coisa não teria acontecido. Ou seja, o agente é, então, aquele que pode reivindicar a ação como sua e, assim, assumir a responsabilidade da mesma. A ação é sempre uma interferência consciente do agente num estado de coisas e está, desta forma, sob o seu controle. Por acontecimento se entende tudo aquilo que simplesmente acontece, a mim, ou em mim, mas que não é da iniciativa do agente e não pode ser por ele controlado. Pode ser algo de que sou vítima, no sentido de sofrer a ação de alguém (ser roubado, p.ex), ou ser eu a fazê-lo, mas constitui um ato instintivo, involuntário ou mecânico de que me poderei dar ou não conta, mas que ainda assim sou eu que faço (espirrar, risonar, etc...). Onde não há intenção, não pode haver propriamente dita.

2. A Filosofia é uma atitude crítica, uma «atividade», como diz o texto, ou uma «forma de pensar» sobre certas questões. Que questões? Questões difíceis, para as quais não há uma única e definitiva resposta, mas que se mantêm em aberto e que são o alvo da reflexão filosófica, como por exemplo, «O que é a realidade?». Depois de identificarem as perguntas filosóficas, os filósofos procuram respostas, elaboram teses que têm de ser devidamente justificadas, fundamentadas, suportadas por argumentos. Daí se dizer no texto que a característica mais marcante da filosofia é o «uso de argumentos» e que atividade filosófica é «tipicamente argumentativa». Sendo uma atitude crítica perante o mundo, os filósofos discutem estas questões, construindo e criticando argumentos.

3.1- Não, é óbvio que não. Filosofar é pensar por si mesmo, embora isto não signifique ignorar os que os outros filósofos já pensaram e disseram, mas tão-somente, ser autónomo, ser capaz de encontrar as suas respostas, ainda com a ajuda do que os outros já pensaram e disseram sobre um dado problema. O método filosófico é o pensamento racional, crítico, portanto é preciso fazer um uso pessoal da razão na procura de possíveis respostas para as inúmeras perguntas com a filosofia se depara.

3.2 – Das crenças apresentadas, a crença mais básica ou fundamental é a crença a), ou seja, se somos livres, se realmente escolhermos o que fazemos, porque desta crença depende a existência de outras, como a crença b), sobre a responsabilidade moral. Na realidade, faz sentido sabermos se somos ou não livres, pois não faz sentido eu assumir-me e ser responsável por alguma coisa que eu não podia fazer de outra forma. Uma crença básica é sempre uma crença fundamental em função da qual se definem outras e sobre a qual alicerçamos a vida. Se uma crença básica estiver errada, tudo o que sobre ela se construir estará, igualmente, errado. Não faz sentido falar em responsabilidade se eu antes não puder saber se sou ou não livre, dado que só faz (aparentemente sentido) eu ser responsabilizada pelas coisas que fiz de uma modo e não de outro porque quis, porque assim decidi, porque era livre para agir de outra forma. Não podemos separar a crença na liberdade da crença na responsabilidade, mas a primeira é mais básica ou fundamental.